

TRIBUNA Livre

4
ABRIL
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 52113 - AMARES

Razões de uma posição

Aos representantes do Governo onde quer que me ouçam

Com grave sacrifício pessoal de tempo e deveres profissionais venho perder (o termo foi bem considerado) mais uns minutos—queira Deus que seja pela última vez—com assuntos de Amares. E venho porque tenho de explicar uma posição, relativa às eleições para a Direcção do Grémio da Lavoura de Amares.

Quero, antes de mais, deixar bem expresso um ponto importante—importante pelo menos para mim—não vá dar-se o caso de eu ser mal compreendido num assunto em que tenho ideias próprias e em que atribuo muito valor a essas ideias.

Entendi sempre que nas lides e lutas políticas a que obrigam as divergências entre os homens se deve combater de igual para igual, usando as mesmas armas.

Comentários

No Grémio da Lavoura, de mal em mal

Depois de 15 anos à frente dos destinos do Concelho, espalhados num organismo de coordenação económica e em tantos actos que geraram revolta e causaram prejuízos ao Município, que excedem o milhar de contos;

—depois de se comprovar uma desoladora inércia e um alarmante espírito de injustiça que foram causa de atraso que não tem paralelo no País;

—depois de 18 anos à frente do Grémio da Lavoura, sem qualquer acção útil e com núvens gravíssimas que desprestigiaram o Organismo e causaram males irreparáveis;

—depois de comprovada falta de espírito corporativista e de incapacidade manifesta;

—numa hora grave em que é preciso prestigiar a Causa e criar-lhe o ambiente favorável que presidências como a vigen-

te lhe roubaram—, não se busca e até se contraria, a solução justa, capaz e digna, que seria colocar na frente dos destinos do Grémio da Lavoura o único homem, técnica e politicamente à altura.

Frente à Oposição, mesmo à Oposição ao Regime, entendo que devemos permitir uma luta livre e leal. E entendo-o porque eu e os que defendem a Situação política por exigências intelectuais e de doutrina não valemos menos que os da outra barricada, nem somos menos. Não somos menos, mesmo contando só os que assumem posição por exigências de inteligência e doutrina e não por mesquinhos interesses de barriga.

E se não somos menos nem valemos menos, não temos medo nem duvidamos dos êxitos.

Sou e fui sempre contra a força, porque considero essa atitude o último recurso ou meio de quem não tem razão.

Fica aí esta explicação, porque, para quem não ler com olhos de ver e analisar, o que vou dizer parece significar o contrário.

(Continua na 6.ª página)

Quando falta o bom senso

Agitou-se o meio com a eleição dos corpos gerentes do Grémio da Lavoura de Amares e continuará agitado porque o acto eleitoral ficou adiado para a próxima quinta-feira.

Há 18 anos que o mesmo homem preside aos destinos daquele Organismo. Há cerca de uma dezena de anos para cá que quando se avizinhava um acto eleitoral se juntam os compadres a arranjar uma farsa para que a situação se mantenha.

Sempre se foi mantendo essa situação porque o homem em questão era também presidente da Câmara, etc., e não obstante os gravíssimos factos que se passaram naquela instituição, o pretexto colhia quando mais não fosse com a promessa de que a intenção era evitar que fosse corrido, mas passados 3 meses voluntariamente poderia a demissão.

Em dada altura quando no

Grémio houve irregularidades gravíssimas, que noutro lado se afirmam pelo valor, um numeroso grupo de sócios soube da estadia de um inspector e foi ali pedir para que o presidente do organismo fosse também demitido.

(Continua na 6.ª página)

GRÉMIO DA LAVOURA E A OPOSIÇÃO

Nas últimas eleições para a Presidência da República tivemos de lutar. Foi preciso tirar o casaco, sair para a rua e de porta em porta pedir votos e distribuir listas. Encontramo-nos nesse terreno de luta, cara a cara, com a Oposição porque estava em perigo a Pátria nas suas instituições. Fui Presidente du-

ma Assembleia de voto, onde aguentei a fiscalização exercida pelo Presidente da Oposição.

Esboça-se agora a eleição do Grémio da Lavoura e eilos, os mesmos, Presidente e adeptos de Oposição, em campo aberto e, novamente, de porta em porta a pedir votos. Encontramo-los porque pretendíamos sanear o Grémio da Lavoura, onde sempre tem estado acantonada a Oposição por culpa de falsos nacionalistas, movidos por interesses mesquinhos.

Queríamos forças nacionalistas à frente do Grémio, que sob a Presidência do Senhor D. Nuno de Daun e Lorena, que reúne os predicados de bom servidor do Estado, nacionalista, grande proprietário e cursado em Agronomia, poderia melhor que ninguém levantar aquela instituição que para mal de todos tão mal tem caminhado.

Não nos bateremos porém

(Continuuu na 4.ª página)

É crime fomentar a divisão concelhia

Quando das eleições para procuradores ao Conselho Geral do Grémio da Lavoura pertenceu à minha freguesia - Lago, eleger ou escolher dois. Não me recorda agora de números, mas lembro-me que da relação recebida com os nomes de pessoas que podiam ser eleitos eram quase tantas mortas, como vivas e destas, uns por estarem ausentes, outras por serem analfabetos não poderiam ser escolhidas.

Ficou assim muito limitada a escolha (havia, se bem me recordo, 3 ou 4 nomes elegíveis) e o que aconteceu aqui, devia acontecer por todo o Concelho.

Entendemos, por outro lado, que ao Conselho Geral, na sua função principal que é a escolha da Direcção, devia ser dada a liberdade de eleger quem muito bem entendesse e nunca chegarmos à caça ao voto com a caricatural aliança de elementos tão heterogéneos.

Lutas eleitorais, oposições, alianças (ainda há pouco se viu os comunistas aliarem-se a grupos rivais só para im-

pedir que determinado partido conseguisse a maioria indispensável: isto como é

(Continua na 4.ª página)

Aos nossos assinantes

Está já em distribuição o primeiro volume das Monografias, a quem se inscreveu nas condições já publicadas.

Como se trata de um trabalho literário que interessa, sobretudo, as pessoas ligadas aos dois concelhos—Amares e Terras de Bouro—pois encerra a história das duas terras, esta Redacção, antes de proceder a quaisquer outros meios da sua colocação no mercado, dá preferência aos assinantes de Tribuna Livre.

A presente edição não atinge sequer o milhar e, por conseguinte, depressa se esgota, demais que já está certo um bom número de subscritores.

Chama-se a atenção dos nossos leitores para a circunstância de que a Monografia em volume, além da correcção por que passou depois de publicada no jornal, tem, pela continuidade do assunto e até de matéria que não foi publicada, assim como pelo conteúdo das muitas gravuras, pelo menos as das matrizes de cada freguesia, além de outros monumentos, um valor que só à vista poder avaliar-se.

Além de ficarem a possuir uma obra que o tempo há-de valorizar ainda mais, os nossos subscritores terão agora uma oportunidade, de com a sua ajuda, concorrerem para desagravar a Tribuna Livre de pesados encargos que se assumiram para editá-la.

(Continua na 4.ª página)

Perguntas inofensivas e... importantes

Nós não podemos admitir que aquilo que se passa na política concelhia não venha a ser objecto de um inquérito sério.

Como pontos importantes a submeter-se—lhe, deixamos já algumas perguntas.

a)-Por que é que, tendo o Senhor Presidente da Câmara sido posto à cabeça de uma lista e sendo a outra

(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Onde a obediência e recíproca compreensão de governantes e governados foram apanágio de nossos maiores; ou as manhas e a discordância com as seguras directrizes do passado começaram a semear os primeiros sintomas da rebelião—tudo aí está patente e em curso, nesses velhos cadernos que ficaram esquecidos nos arquivos paroquiais, no eco abafado dos acontecimentos que agitaram

(Continua da 4.ª página)

TRIBUNA DE VILA VERDE

SOLENE LAUSPERENE

No dia 18 do passado mês, teve início em Vila Verde, o seu Lausperene anual.

Como sempre, êste ano os Vilaverdenses marcaram com o seu Lausperene.

Às 19 horas, missa vespertina, cantada pelo grupo coral da referida Vila, e, às 21 soleníssima adoração acompanhada a cânticos, nos intervalos dos mistérios.

Foi orador e Rev.mo Snr. Dr. Martins Gonçalves, que, com a sua maneira de expor a palavra Divina, terminou o sermão com estas palavras. Bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento da Eucaristia. Fruto do ventre, etc.

Seguidamente, o grupo coral canta a excelente composição do Bendito dos Écos do Santuário, recordando neste momento o célebre autor, que Deus haja, Rev.mo Snr. Pe. Alaio. Todas as suas obras musicais são de excelente espírito religioso e maravilhosa harmonia.

Durante a noite de 18 para 19, os turnos de adoração foram muito concorridos pelos homens, que resavam, meditavam e cantavam: Viva Jesus Sacramentado, Viva Jesus Nosso Senhor, Viva Jesus Pai adorado, Viva Jesus que é nosso amor etc..

No dia 19, dia de S. José, continuou com o mesmo brilho e esplendor.

Às sete horas da manhã, missa resada, acompanhada a cânticos. Na hora oportuna da sagrada comunhão, todos os fieis se aproximaram da sagrada mesa para comungarem.

Pelas 16 horas, novamente

missa vespertina cantada pelo grupo coral da referida Vila, que maravilhosamente executou a missa Tertia.

No momento próprio, o Rev.mo Snr. Doutor Martins Gonçalves fez um magnífico sermão, como de costume.

Como estava a chover não se realizou a Procissão Eucarística, como estava planeado. Foi dada a benção do Santíssimo Sacramento, e assim terminou o Sagrado Lausperene nesta encantadora Vila.

Não devo terminar êste artigo, sem que diga duas palavras a respeito do grupo coral.

Em primeiro lugar tenho a elogiar o ensaiador do grupo, por não se poupar a trabalhos e sacrifícios com os ensaios do mesmo.

Também dou os meus parabéns aos pais das componentes, por deixarem as suas filhas colaborarem em tão boa e magnífica obra, que é o canto coral.

António Augusto, mãos à obra, e continua a sacrificar-te pela maravilhosa arte das artes.

Joaquim dos Santos Martins

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

Visado pela Censura

O 10.º Aniversário da N. A. T. O

(4 de Abril de 1949—4 de Abril de 1959)

A 4 de Abril de 1959 a Organização do Tratado do Atlântico Norte entrará no 10.º ano da sua existência. Foi a 4 de Abril de 1949 que os ministros dos Negócios Estrangeiros de doze nações, ocidentais assinaram, na cidade de Washington, o Tratado do Atlântico Norte—início duma experiência revolucionária e construtiva, da qual resultou uma frente ocidental contra uma possível agressão.

Actualmente, quinze nações soberanas, entre as quais Portugal, fazem parte da N.A.T.O., que representa uma comunidade de 450 milhões de indivíduos unidos na defesa e colaboração pacífica.

O Pacto do Atlântico foi assinado, por parte de Portugal, pelo Senhor Doutor José Caeiro da Mata, Ministro dos Negócios Estrangeiros português em 1949. Era então Embaixador de Portugal nos Estados Unidos o Senhor Doutor Pedro Teotónio Pereira. Neste mesmo ano, num discurso proferido na Assembleia Nacional, a 25 de Julho, o Presidente do Conselho português, Senhor Doutor Oliveira Salazar, referindo-se à Aliança Atlântica disse:

«A iniciativa dos Estados Unidos e do Canadá ao promoverem o Pacto do Atlântico Norte veio dar apoio de força indispensável a uma tal ou qual eficiência da defesa

da Europa, ao mesmo tempo que se procurou reanimar a respectiva economia com os auxílios directos dos capitais e da técnica americana».

«... O deslocamento do centro de gravidade da polí-

tornou-se necessário à segurança dos países ribeirinhos do Atlântico Norte...».

Quase dez anos depois da sua criação, a N. A. T. O. continua sendo uma poderosa aliança, um baluarte de profícua colaboração, uma organização única na História, altamente contribuindo para o progresso económico,



—Na sessão da admissão da Grécia e da Turquia na N. A. T. O., em Fevereiro de 1952, o Prof. Dr. Ruy Ulrich assina por Portugal

tica mundial para oeste, verificado a seguir à primeira grande guerra, não só trouxe os Estados Unidos para o primeiro plano dessa política, mas aumentou o valor e os riscos do Atlântico, de cuja segurança passaram a depender quase exclusivamente a Europa, a África e a América. Em tais condições, o apoio dos Estados Unidos

social e cultural dos países do Atlântico Norte.

Pelas suas realizações, o mundo livre continua depositando fé inquebrantável e sincera esperança na continuidade da tarefa grandiosa da N. A. T. O.

(Da Revista dos E. U. A.)

Visado pela Censura

Folhetim de «Tribuna Livre, 98,

SEMPRE NOIVOS

Por Porfirio de Sousa

(Recordações do Minho—Usos e costumes)

—Eu cá por mim—opinou o Alberto Madeira—quanto vier à rede é peixe e se a Maria Teresa for condenada eu não lhe perdo o beijo!

—E eu que to dou!

—Ora assim é que gosto de ouvir—rematou o rapaz.

—Mas ó Madeira, se assim suceder não te faças lucas porque te podes sair mal, visto que o José, o marido, tem ali à mão um jogo de fueiros de carvalho, no carro...

—Estejam calados, não assustem o rapaz—tornou a Maria Alice, num impulso de riso mal contido.

A espirituosa observação da trocista Maria Teresa foi coroada por uma ressoante gargalhada.

Os rapazes da aldeia, e das circunvizinhas, sabendo que a desfolhada da quinta do Vale prometia ser alegre e movimentada foram para lá, mascarados com lençóis brancos a cobrir-lhes a cabeça e o rosto, dando a impressão de almas do outro mundo, em vez de simples mortais.

Falando em voz de falsete, para não serem reconhecidos, cada um procurava sentar-se, o melhor possível, junto da pequena com quem mais simpatizava, depois de se certificar que estava livre ou se, comprometida, o namorado não estava.

—Oh! Albertina dás-me o teu madureiro?

E to quem és?

—Se tu dissesse sabias tanto como eu!

Vai-te contentando em saber que sou um feliz peregrino que desceu do céu à terra para te amar...

—Sim? que graça!

Eu contento-me com um simples mortal cá da terra...

Mas ouve lá, ó máscara! Lá no céu, de onde vens, não há raparigas que te chegem que ainda é preciso vires à terra em busca de outras?!

—Há lá muitas, há e bem bonitas por sinal, mas o senhor S. Pedro tem-nas fechadas a sete chaves...

—E porque não mandas fazer as sete chaves falsas?

—Dá-me menos trabalho descer à terra e, além disso podia ser descoberto e incorrer no desagrado do santo chaveiro...

—Mas tu como já não és deste mundo, na terra não há raparigas para ti...

—Espero que algum namorado morra...

—É substituído, imediatamente, por outra mortal!

—Mas eu sou teimoso e a minha teimosia irá ao ponto, se for preciso, de ir buscar o meu envólucro material...

—Acho melhor abrires e bateres as asas e regressares à tua mansão celeste...

—Só se for na tua companhia...

—Estás doido!?

Ainda estou muito nova para te acompanhar... para o outro mundo!

—Então fico eu por cá...

—Para quê?!

—Á espera que envelheças e... morras!

—Quem espera desespera e eu, além de ser nova, sou saudável e, por isso, não penso, por enquanto, morrer.

—Em vez de esperar no outro mundo, espero-te neste, pois tudo é esperar, e aqui, junto de ti, sempre me é mais agradável.

(CONTINUA)

TRIBUNA do CONCELHO

BOURO

Festividade em honra de N.ª Senhora do Livramento

Realizou-se na passada Segunda-feira, no lugar de Dornas, a tradicional festa de Nossa Senhora do Livramento, cujo brilho ultrapassou os anos anteriores, merecendo por isso, justos louvores, o Mordomo que dela se encarregou.

Esta festividade, que de há longos anos aqui se realiza, tem como principal significado a Visita Pascal naquele lugar, que não é possível satisfazer no Domingo, pelo elevado número de fogos que a freguesia tem.

Mesmo apoquentada pelo

CARRAZEDO

Visita Pascal

Decorreu na melhor ordem a visita pascal nesta freguesia, prejudicando apenas o tradicional brilhantismo, a chuva copiosa que fez arrefecer os ânimos dos espíritos alegres com a Ressurreição do Pai Celestial que anima e vivifica com o Seu sobrenatural Poder a alma dos seus amados filhos. A descrença de alguns desta grande verdade só tem servido e servirá para aumentar o valor deste conceito e da indubitável certeza do caminho a trilhar: ordem suprema, obediência eterna. A Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares com o seu competente mestre sr. António Joaquim Alves de Amorim a dirigia, mereceu gerais aplausos pela primorosa execução do vasto reportório executado. Esse famoso conjunto musical com uma existência de meio século tornou-se querido nesta freguesia, ficando sempre com o compromisso da renovação da sua presença. Renovada também com números que surpreendeu o vasto auditório. Se existissem, os fundadores não deixariam de se sentir exaltados pelo respeito dos seus sacrifícios, para que Amares tivesse em toda a parte uma boa representação artística que é preciso acarinhar com sacrifício como sacrificados são aqueles que nos deliciam quase que por amor à arte.

A Cruz recolheu em procissão às 19 horas e no adro fez-se o costume do bazar, muito concorrido de prendas e arrematantes que não esqueceram a figura veneranda do nosso Abade ainda mal refeito de grave enfermidade, quis agradecer aos seus paroquianos as atenções dispensadas que são apenas retribuições de uma bondade hierárquica.

E assim terminou a visita Pascal de 1959.

C.

CAIRES

Visita pascal

Decorreu, no passado Domingo, sem a mínima nota discordante e num ambiente de muita fé e piedade, a visita pascal nesta extensa e laboriosa freguesia de Caires.

A Cruz paroquial, primorosamente enfeitada pela acreditada «Casa Costa», da nossa Vila, entrou em todas as casas, cerca de 300 fogos, que a receberam, bem como a toda a sua comitiva, com sinais e manifestações de muito regozijo e entusiasmo.

Foi queimado muito fogo e até de vistas ao recolher, que entrou pela noite dentro.

O pároco, no seu agradecimento habitual, achava-se comovidamente satisfeito, por todos terem cumprido os seus deveres de cristãos; e deu os parabéns, nomeadamente aos mordomos Ex. mos Senhores: Adelino de Carvalho, do lugar da Cal, e Elísio Pinheiro, do lugar do Paço-Velho, que se não pouparam a trabalhos e despesas para que tudo corresse bem, o que tudo assim aconteceu, graças a Deus. A eles e a todos os seus empregados e boa comitiva, as nossas felicitações e congratulações.

Foram nomeados «mordomos da Cruz» para o ano que vem, os Ex. mos Senhores Luiz Gonzaga da Silva, do lugar do Freixeiro, e o Sr. Secundino Fernandes, do lugar de Pênas, dois pobres pedreiros, mas animados da melhor vontade para bem servirem o Senhor e festejarem a Páscoa de 1960 (17 de Abril) no meio da maior alegria e entusiasmo. Tomam conta da Cruz, no próximo Domingo de Pascoela. Felicidades para todos.

Falecimento

Há dias, faleceu nesta freguesia de Caires, a Senhora D. Augusta Cândida Arantes, solteira, de 83 anos de idade, saudosa irmã do Senhor P.º José Joaquim Arantes, que foi

mau tempo, a festividade foi muito concorrida pelo povo das redondezas, verificando-se apenas, ao contrário dos anos anteriores, falta de concorrência do povo de Friande, pois como já referimos em um dos últimos números, a passagem que a H. I. C. A mandou construir para restabelecer a ligação entre Bouro e Friande continuava submersa, não obstante as nossas reclamações feitas nesse sentido.

O Mordomo, Senhor Manuel Adelino Fernandes, merece, como acima digo, sinceros parabéns pelo seu esforço, que revestiu de brilho aquela festividade. Em seu nome, aproveitamos as colunas deste semanário para agradecer vivamente a todas as pessoas que de qualquer maneira contribuíram para a realização da festa e de um modo especial a alguns Bourenses ausentes na Venezuela, que contribuíram com uma regular quantia em dinheiro, angariada em subscrição.

Que esta festividade atinja brilho cada vez maior, é o que sinceramente desejamos.

A. Fernandes

Vida elegante

Aniversário

Fazem anos:

Hoje—A Sra Florinda Rosa Ferreira Ribeiro e o Sr. Cândido Alberto Pinheiro.

Segunda-feira—A Sra Maria da Conceição Gonçalves.

* * *

Passou no dia 24 do p. o aniversário da Sra D. Etelvina Fernandes do Amaral, residente em Lisboa.

Noite de Luar

Núvens brancas, pedaços d' algodão
Em rama, neste céu azul-marinho,
Impelidas pelas brisas do soão
Formam no ar um singular caminho,

Por onde a Lua anda, com carinho,
Entornando sobre a Terra o clarão
Da sua luz, macia como arminho,
Que tanto me enternece o coração;

E me faz ajoelhar perante o Ente
Que me criou e deu tantas riquezas
Como esta, desta noite alvincente,

Em que as estrelas são velas acesas
Ardendo no Seu trono aurifulgente
De Senhor de todas as realezas.

URBA

25 anos da Acção Católica Importância e necessidade da Acção Católica

Vive-se hoje, verdadeiramente, uma época inteiramente nova, uma época sem par na História do Homem e que corresponde a uma nova vida humana e, mais ainda, a uma nova concepção, de vida.

Esta época que assiste a visíveis e convulsivas crises nas ordens social, económica e política, assiste também à elaboração de um novo conceito do Homem—o Homem novo. Este quer saber de si próprio questões fundamentais, quer saber de facto, o que rigorosamente e concretamente é.

Assistimos ao embate de dois mundos: o do passado e o do futuro. Momento de impiedade, de angústia, de desespero ou de esperança. Quebra total dos valores tradicionais enquanto os novos valores tardam em afirmar-se. Este embate é contudo fecundo: é que ao mesmo tempo que se verifica a decadência das velhas fórmulas de pensamento, das velhas ideologias dos séculos passados, do velho homem, antevê-se um nascimento—uma nova concepção de vida que se inspira e procura fundamento numa concepção

integral, na plenitude humana. A vida por que inquietamente se anseia, na Europa, na Ásia ou na África, ou em qualquer outra parte do Mundo; a vida nova que angustiadamente se procura no comunismo ou no existencialismo ou em qualquer outra ideologia que supõe resolver o problema do destino último do homem (muitas vezes negando-lhe esse próprio destino), essa vida nova que se começa a sentir naqueles sectores mais receptivos, mais sensíveis—os sacerdotes, os intelectuais, os estudantes e os operários—nutre-se de novas substâncias espirituais, apoia-se na sede de totalidade e plenitude, estrutura-se numa escala humana dos valores materiais e dos valores espirituais orientada para uma unidade que integra vida e espírito admitindo a lei característica de cada ordem, sem que as conceba separadas, irreduzíveis, senão como forças de recíproca penetração.

Perante a desilusão completa, o falhanço absoluto a que conduziram as experiências ideológicas dos últimos séculos, e ainda do século presente, perante o trágico malogro a que tem conduzido o comunismo (cemitério de homens) quer no campo moral e intelectual, quer no restrictamente material, pela miséria crescen-

(Continua na 5.ª página).

HUMORISMO

No Consultório

Médico:—Como vai esse reumatismo?

—Devagar, devagar; mas já começo a ter esperanças de me ver livre dele.

—Muito folgo com isso. É verdade: começou-me num pé, e tem subido gradualmente até aos ombros. Espero, que dentro duma semana, ele passe para dentro do chapéu!

No café

Minha mulher adquiriu um péssimo hábito: não se deita antes das três ou quatro horas da madrugada.

—Frequenta clubes?
—Não. Fica sentada a ler, até eu chegar.

Franqueza

Patrão:—Que disseste ao patife que me procurou para me esbofetiar?
Criado:—Disse-lhe que sentia muito que o senhor não estivesse em casa.

C.

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

a vida portuguesa até o fundo das nossas aldeias, enquanto na maior parte a novela e o romance, pretendo realista, tomou esses mesmos episódios e fez blague, deturpando-os.

Sabe-se como a pena bisbilhoteira de Camilo também veio ao coração das terras descobrir o *ex-capitão-mór* de Santa Marta, o *barão* de Bourro, o *sargento-mór* de Rio Caldo e o *vigário* de Caldelas para os levar, de comparsas com outros, a intervir como protagonistas ridículos em uma peça que tem por fundo o palco ensanguentado das lutas liberais de tão lamentáveis consequências e nesse engenhoso enredo espalhar a impressão de como uma pseudo-nobreza e clero, articulados ainda firmemente às fundas tradições, se deixavam mais uma vez iludir pela farça lisonjeira de supostos príncipes encantados.

A questão foi, de modo muito diverso, outra. A Igreja viu e previu de longe, pelas nuvens que se acastelavam no ar, a séria tempestade que se avizinhava e de que Ela seria uma das maiores vítimas.

Os ditos «livros das capitulações» dão inteira conta da verdade, desse passado relativamente próximo, sempre vivo pelas constantes recordações que a cada passo dele se fazem sentir e revestir de actualidade: em tal caso, não há como transcrever, sem mais fantasias nem literaturas, algumas das suas notas mais eloquentes.

Já uma «ordem circulatória» de 23 de Novembro de 1807, distribuída aos R.R. Párcos, mandava que à «collecta» das missas cantadas ou rezadas, que se dissessem nas igrejas e capelas do Arcebispado, se juntasse *pro quacumque tribulatione* enquanto não melhorassem as circunstâncias do Estado».

Logo nessa mesma data, por ordem emanada do governo da arquidiocese e em observância de régio aviso se intimavam todos os R.R. Párcos «remettessem ao Paço Arcebispal todas as pratas das suas igrejas, exceptuando as q. fossem necessárias para as funções sagradas e especificava-as.

Aquí começou a dispersão dos valores cultuais, cuja acção e progressivo agravamento tanto se faz sentir Entre-Homem e Cávado, até levar à última ruína os seus principais monumentos.

Infelizes os governos que não souberam impor-se pela manutenção de um equilíbrio fiel e constante entre o espiritual e o temporal e de modo a evitar a ameaça de abaloamento entre a barca de Pedro e a nau do Estado.

Enquanto os monarcas e os povos foram dádivosos para com a Igreja, as nações conheceram os melhores dias da sua glória e prosperidade; uma vez que começaram a tirar-lhe o que os antepassados haviam dado, também a decadência com o desprestígio entraram a minar os seus mais sólidos fundamentos.

(Continua no próximo número)

Secção de Recortes

ODECAM

9 DE ABRIL

QUEM É?...

Quem é?... Quem foi?—Anónimo, ignorado, morreu e a Morte o seu segredo encerra. Tudo mistério desde o seu passado ao nome e anos que pisou a terra!

Chorou-o alguém? Amava? Foi amado? Trévas tão densas, nem o sol descerra. Sabe-se, apenas, que morreu Soldado honrando a Pátria, pois morreu na Guerra!

Quem quer que sejas—ajoelha e resa. Qu' importa o nome!?... A glória não despresa —sublima, exalta o anónimo guerreiro!...

Nobre ou plebeu; Mulher,—Virgem e Graça: —Reza, que rezas pela nossa Raça; este Sem-Nome é Portugal inteiro!

Silva Tavares.

Soneto gravado numa placa de prata presa a uma coroa de bronze, existente junto ao túmulo do Soldado Desconhecido na Batalha

Grémio da Lavoura e a opposição

(Continuação da 1.ª página)

neste campo, fiquem certos, que o Governo por quem lutamos nas últimas eleições há-de defender este Organismo Corporativo desses oportunistas.

Não é também no Campo Corporativo e, pelo menos, assim tanto a descoberto, que a opposição há-de vencer.

É lamentável que um ex-Presidente da Câmara, ou mesmo até um membro da U. Nacional, pelo facto de lhe ser dificultado qualquer desígnio político ou ter sido retirado de cargos onde tão mal serviu, se venham aliar aos da outra banda, e servindo-se de amigos favorecidos por si nesse longo cativoiro a que o Concelho por mais duma década suportou, pretenda ainda fazer valer direitos que não tem e defender lugar onde a obra foi nula e, mesmo assim, onde a sua negligência deixou sangue e vítimas.

Podem ter a certeza que nunca os pouparemos, porque a situação, sob todos os pontos de vista catastrophica, a que chegou durante o seu mandato ou influência, e que tanto desacreditou entre nós o Regime, não voltará.

É lamentável também que alguns procuradores, esquecendo os escândalos praticados no Grémio, e a negligência que tanto os tem prejudicado, queiram manter o velho estado de coisas.

Nas últimas eleições do Grémio, o Presidente, perante as invectivas que sofreu, pediu para não ser empurrado, que dentro de 2 meses pediria a demissão!...

É crime fomentar a divisão concelhia

(Continuação da 1.ª página)

óbvio em país estrangeiro) sempre se viram.

Custa-nos, porém, ver estes processos adoptados no nosso Concelho a propósito da eleição da Direcção do Grémio da Lavoura. Está a cavar-se um fôso que difficilmente será aterrado, a continuarmos assim.

Porque não há união e se escolhe o melhor?

Isto caminha mal, meus senhores: e nós o que precisamos é da tal união e não da divisão que nada faz e nada deixa fazer.

Não vem a proposta, mas também cá na freguesia quem deveria unir desune.

E este espírito de desunir, para nós só tem um nome — é um crime.

Entendemos, pois, ser crime, que por capricho ou qualquer outro interesse, se fomente a divisão Concelhia. Entendemo-lo por nós e muito mais na qualidade de membro da U. N. do Concelho.

Lago, 2 de Abril
José António Pires

Será que agora vai fazer a mesma promessa que não cumpriu?

Mas que haverá por trás disto?

Ele que nunca pediu um voto político como Presidente da Câmara, ande agora de porta em porta?...

Nas últimas eleições afirmou-se que não foi para a

Oposição por alguém lhe puxar o casaco...

De que banda seria que lho puxaram?

Baixem a mascara, estão em jogo os interesses da Lavoura e sobretudo a política do Estado Novo.

Paulo B. de Macedo

Ruivães (Vieira do Minho)

Notícias de Zebra!

Visita Pascal

—Decorreu com muita animação e brilho a festa da Visita Pascal, mantendo-se a tradição de receber com franca hospitalidade o Rev. do Pároco, este ano substituído pelo Snr. Padre Manuel José Jorge que há muito vem prestando relevantes serviços na Capela de S. Pedro, orago desta povoação.

Não faltou abundante foguetório, caminhos engalanados, a chilreada alegre da petizada, vivas, cânticos, etc.

Não houve notas discordantes e todos os moradores souberam cumprir e viver o significado espiritual da festa da Ressurreição.

Consta-nos que na vila se teria passado algo de muito desagradável, pois que não obstante os porfiados esforços do Rev. do Pároco, não foi possível demover certas teimosias que não se coadunam com o sentimento cristão, e daí aplicação pura e simples dos sagrados cânones.

Não fica mal recordar, que a humildade nos eleva, mesmo no conceito humano e social e o orgulho só nos deprime e desprestigia.

Oxalá que a lição tenha aproveitado aos renitentes e que no próximo ano seja destruído o inexpugnável castelo ao capricho e «pax vobis»

Estrada de Campos

Quem nos pode informar sobre o que se passa quanto a esta estrada camarária, pois quando há dias ali passávamos, notamos novas rectificações?

Erro de técnica? Caderno de encargos mal elaborado? Deficiência do Empreiteiro no cumprimento do contrato? Para já não podemos satisfazer a curiosidade dos nossos leitores. E quando se liga o ramal para Zebra! Onde param os projectos de 1942? C.

Aos nossos Assinantes

(Continua na 1.ª página)

Esclarece-se que o Autor de «Entre-Homem e Cávado» animado pelo mesmo espírito patriótico e bairrista, também dá inteiramente todo o produto do seu sacrifício para que a Tribuna Livre mais se consolide e o seu exemplo frutifique junto de seus conterrâneos, amarenses e terrabourenses.

Dia a dia está a imobilizar-se mais material com a publicação dos restantes volumes, (o 2.º está quase em ordem,) pelo que roga-se a inscrição urgente e desde já se agradece a preciosa ajuda ao jornal da nossa terra, que nos proporcionou rever a grandeza do seu passado na preciosa história que se está a publicar.

Perguntas inofensivas e.. importantes

(Continuação da 1.ª página)

apoiada pela Oposição, não tomou a nossa Comissão Concelhia da U.N. a iniciativa de apoiar aquela lista? E quem costuma tomar a iniciativa dentro da nossa U.N.?

b) — Por que é que possoa de grande responsabilidade política disse que era melhor deixar ficar no Grémio o mesmo Presidente, caso contrário ele passar-se-ia para a Oposição? E se a sua convicção política e ideológica estão à mercê de tão transitória razão, por que é que serviu na Câmara 15 anos?

c) — Por que é que um dos três principais opositores do concelho, nas últimas

eleições chegou a afirmar que Fulano esteve com eles? d) — Por que é que o Chefe ou pelo menos o mais destacado opositorista de Braga, referindo-se, há tempos, a uma personalidade da U.N., disse: — Fulano é da U.N., e até falou numa sessão, mas o coração é nosso? e) — Por que é que a comissão da Oposição, que na última semana correu o nosso Concelho, foi bater, em tom de quem quer achincalhar, à porta de elementos da Situação, que bem sabiam seguros e indefectíveis? E por que os ameaçaram, até com os tribunais, sobre assuntos que nada tinham com as eleições?

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 24

(CONTINUAÇÃO)

* * *

Com a queda do império romano, a língua, os costumes, a religião pagã-tudo entrou em ponto morto.

Para que a ostentação e o luxo, com a devassidão a que tinha chegado este povo, não seduzissem as novas gerações, vieram os Bárbaros apagar uma boa parte da sua obra; instrumentos de destruição consentidos pela Providência, logo começaram a derrubar os ídolos, a prostrar tudo em ruínas, quando ao mesmo tempo se atearam por entre esses escombros as labaredas que acalentaram os primeiros mártires do Catolicismo.

Dos restos dessas antiquíssimas citânias e cidades que ficaram esquecidas pelo cimo dos montes, como a fénix renasce cada vez mais bela das próprias cinzas, vieram a lançar-se depois e entre períodos de muitas guerras de devastação, os alicerces das futuras cidades e povoações, nos mesmos lugares ou noutros mais adequados à vida do homem, pedra sobre pedra nesta ânsia e eterno fadário da humanidade, entrementes apostada em construir e destruir.

Impressionados hoje pela descomunal envergadura dos modernos centros urbanos, custa a crer como caberiam em tão estreito âmbito estas cidades da pré-história, mas tudo é relativo no tempo e no espaço.

Compreende-se, em primeiro lugar, que precisamente ao longo da mais importante via de circulação entre as principais cidades da Chancelaria Bracaraugustana com a capital do império, se organizassem os principais aglomerados populacionais e de preferência nos pontos mais aptos a uma vantajosa defesa. A mesma multiplicidade dos miliários, com inscrições várias de louvor aos imperadores e triunfadores romanos, é sinal de que por estas altíssimas paragens se movimentou uma vasta rede de população castrense.

O peso dos séculos e a mão do homem encarregaram-se de demolir e transformar vestígios que ontem foram mais visíveis, pelo menos mais palpáveis; nem a mesma rigidez da mole granítica escapou à operada metamorfose; umas simples imagens desse passado longínquo, esbatidas em fundo de verdade que a sensibilidade e a intuição históricas permitem adivinhar e compreender—só essas alcançam os tempos, o presente e o futuro.

A tal respeito, diz o mesmo Matos Ferreira no citado manuscrito: «Na veyga de S. João, pegado à aria em que estava antigamente a Igreja Matriz, appareceu hum padrão que os moradores do Campo posarão levantado na estrada que vay por fora da veyga: este padrão não hé marco da Geyra, mas sim memória de um admirável e grande edificio do tempo de Cesar, e ainda hoje se vêem pedras desta obra espalhadas por alguvas partes; e na passagem do rio estão muytas, todas de obra Romana: o padrão deste edificio tem de alto sette palmos, e nove de grosso, e a primeyra regra da inscripção parece estar falta de duas, ou tres letras, e as que nelle achey, são as seguintes:

M.C.C.A.E.S.C.I.C.
A.E.D.M.

«Parece-me que quer dizer que aquelle admirável, e grandioso edificio, que se fez naquelle lugar, se dedicou a Cayo Cesar, e a Cayo Julio Cesar: esta inscripção poderá com muyta facilidade ter outra construção, a qual deixo aos curiosos: neste sítio não consistia só esta obra, mas havia outras mais cauzas, que lhe correspondião, e se estendião pella planície daquella chá adiante até espaço de meya milha, como hoje (1728) se está vendo nas ruínas de seis baluartes redondos, em que distão huns dos outros couza de cem passos, e lhe guardavão os lados de hua e outra parte duas paredes de pedra miuda, e das ruínas dellas mostrão serem bayxas.

«Por detraz da Igreja do Campo, no sítio chamado Leyras dos Padrões, estavam dous que já à muytos annos forão trazidos para o cabbido da dita Igreja, e na sua redeificação os desfizerão, e posarão quadrados na forma em que hoje estão, e fazião estes padrões vinte e oytto milhas».

Outra variante, e não difere muito da informação anterior, é o que refere Argote no ms. 425 de Res. da B.N. fls 49 e seg. tes:

(Continua no próximo número)

Maria da Luz Baptista

Enfermeira-Parteira pela Universidade do Porto

RUA D. PEDRO V-201 | TELEFONE, 3029
—(S. VICTOR)— | —BRAGA—

25 anos de Acção Católica Portuguesa

(Continuação da 3.ª página)

te que em todos esses sistemas de vida se verifica—salários de fome, perda da propriedade da terra, perda da propriedade do lar—pretende-se ultrapassar estes mecanicismos forjados em incompletos esquemas da razão, a uma configuração orgânica da vida. Pretende-se superar os resultados das doutrinas facetadas e unilaterais com uma apreensão plena de todas as forças humanas: do desmembramento e decomposição em partes de vida, à totalidade do ser.

Assistimos ao embate de dois mundos. Crise cheia de inquietação, mas crise fecunda. É um esforço claro e efectivo, melhor diríamos quase sobre-humano, para se passar da parcialidade à totalidade, do unilaterial à plenitude humana. Pretende-se restituir os direitos ao homem inteiro, completo. Tais são os valores e o ideal da nova concepção.

Vive-se uma hora de intensa e desconcertante agitação teórica e de febre de realizações práticas. Registam-se aqui e além diferentes ensaios e tentativas. Porém a todas elas falta o eixo ideológico e doutrinal que lhe dá estabilidade e firmeza.

Vive-se uma hora de medo; medo da amar, medo de pensar, medo do amanhã. Vive-se uma hora de sofrimento e, de sofrimento sem sentido pela instabilidade das ideias e, consequentemente, das coisas.

Hora decisiva, esta. Hora de encruzilhada, em que cada um tem de dar tudo o que pode das suas faculdades para a reconquista do Homem novo que buscamos, base da Sociedade nova.

É nesta situação caótica do Mundo que começa a surgir, ainda balbuciante nuns lados, mais firme noutros e já verdadeiramente organizado noutros, um exército de combate, do bom combate, que tem por missão levar a cada homem, a cada classe, a cada raça, a palavra de ordem para a reconstrução do Mundo, pela realização do Homem novo. E esta palavra de ordem é a mesma que há dois mil anos foi dada, pela primeira vez, numa situação histórica muito igual à nossa.

A Acção Católica é o grande exército do momento, o exército da Igreja, que sob a sua orientação directa e em íntima colaboração com Ela, tem a específica missão de integrar o apostolado em plena vida: nos campos, nas fábricas, nas escolas, na universidade.

A organização do apostolado dos leigos, vivamente representada pela Acção Católica, é o grande sopro de vitalidade na Igreja e isto sente-se mesmo em Portugal, ou começa a sentir-se de facto hoje, após vinte e cinco anos de trabalho árduo, ou incerto ou incompreendido, ou decidido e capaz, como se tem revelado nos últimos anos, pelos va-

Carta da Póvoa de Lanhoso

Com ares risonhos e sol um pouco pardacento raiou a primavera. Entre todas as estações de que se compõe o ano civil é sem dúvida esta em que juntamente com o desabrochar das flores nós recordamos os maiores dramas do Cristianismo: paixão, morte e ressurreição de Cristo. Toda a natureza se preparou vestindo as suas galas festivas para assim melhor festejar Jesus Ressuscitado, só o homem que foi criado à sua imagem e semelhança fica indiferente, pois no dizer dos Apóstolo das Gentes não se despe «do homem velho para se revestir do homem novo». Enquanto os homens se deixarem dominar pelo torvelinho das paixões, pelas máximas do mundo, por si mesmos, pelo orgulho, pelo respeito humano, não haverá tranquilidade, ordem e paz entre as Nações. Como apelar para a paz, tranquilidade e ordem entre as nações, se os homens particularmente não se entendem? Se bem que com mágoa chegassem até nós ecos, gritos de revolta e de insubordinação, de indisciplina da vizinha vila de Vieira do Minho, sobre a Serra da Cabreira onde se acastelam nuvens densas que ameaçam tempestade, vagueiam, não lobos esfomeados... «um que se evadiu da serra do Meconço... e outro que veio doutro lado», mas sim lobos vorazes que no dizer do Evangelista andam cobertos com pele do cordeiro. Esses lobos inconvenientes e mal intencionados procuram, por tudo e por nada, inquietar os espíritos submissos, gerar discórdia entre o clero e pôr em cheque a idoneidade de quem cumpre o seu dever e em ocasião oportuna tenta afincadamente combater o mal. Supomos que nesta hora, e nos lugares aonde já chegam os rumores de tal indisciplina, o parecer seja igual ao nosso.

Acabem-se com os ditos, deixem esses «lobos vorazes» as peles de cordeiro em que andam envolvidos e não sejam só cumpridores da lei exteriormente como faziam os farizeus (essa tropilha pouco decente) a quem Jesus desmascarou publicamente, e só quando esses lobos deixarem o uso de tais peles de cordeiro, de criticar quem é honesto, de caluniar quem é inocente, deixarão o homem velho e revestir-se-ão do homem novo—ressuscitando com Cristo. Só então as núvens negras que sobrevoam a vila de Vieira se hão-de trans-

lores que tem dado à Nação, pela marca cristã que tem vinculado neste ou naquele sector da Sociedade, através dos seus membros.—«Vós sois o sal da Terra».

Armando Nogueira

formar em bonança, princípio de tranquilidade, de ordem e paz.

Aqui Esperança

No dia 4 do mês p. p. realizou-se o confesso de desobriga nesta paróquia. Foi suficiente a afluência daqueles que se apresentaram para se lavarem das suas culpas no Tribunal da Penitência. Fazemos votos para que os restantes sigam esse belo exemplo.

—Dentro em breve serão iniciadas obras nesta paróquia, pois já foi resolvido pelas competentes autoridades o começo da electrificação e a estrada até junto da Igreja paroquial.

Travassos

Confortada com todos os sacramentos da Santa Igreja faleceu nesta paróquia, Cândida G. Gomes, irmã do nosso amigo Senhor P.e Alberto G. Gomes, mui digno pároco daquela freguesia.

A família enlutada os nossos pêsames e paz à sua alma...

Taíde

Foi muito concorrido nesta freguesia o tríduo realizado por ocasião da festa de S. Francisco de Assis. As pregações foram confiadas ao Rev.º superior do Colégio de Montariol—Braga. Pela vez primeira pudemos ouvir o Rancho Folclórico de Porto D'ave na vila da Póvoa de Lanhoso. Dão esperanças os jovens principiantes.

Gôma

Já se realizaram os confessos quaresmais nesta paróquia, foi pena que nem todos os paroquianos comparecessem para se regenerar pelas águas penitenciais.

Dentro em breve terminarão as obras de reconstrução no salão paroquial desta freguesia. No dia da inauguração haverá recita teatral que será executada pelos rapazes da J.A.C.

Vila

Foram concorridíssimas nesta vila as festas e feira anual, em honra de S. José padroeiro da Igreja Universal. Houve missa cantada pela Banda de Naces, e no momento propício discertou sobre a vida do Santo o orador sagrado Dr. Manuel Ferreira de Faria, professor do Semiário de Braga.

C.

Visado pela censura

Razões de uma posição

Continuação da 1.ª página)

* * *

Por determinação estatutária foi marcada uma eleição no Grémio da Lavoura de Amares para a semana passada.

Nunca me preocupei com tal facto da vida do organismo concelhio, devendo dizer mesmo que só me foi chamada a atenção para ele uma semana antes. Fui informado de que todos pensavam entregar os destinos desse organismo ao Senhor D. Nuno Luis Daun e Lorena que, à vista de todos e dos mais entendidos principalmente, era, de facto, a pessoa indicada para o lugar.

Era indicado pela sua isenção e comprovada recta intenção, pela sua decidida vontade de trabalhar, pela sua indiscutível competência em assuntos que são a um tempo de agronomia e de carácter corporativo.

O próprio vice-presidente da U. N. do Concelho me disse, quando só já faltavam dois dias para a eleição, que entendia dever ser eleito para a presidência aquele que afinal todos queriam, afirmando estar a trabalhar para que houvesse uma só lista e com esse presidente.

Um dia antes da eleição, exactamente na véspera, fui informado de que estava em curso uma manobra para manter o mesmo presidente anterior.

Porque conheço o concelho e os homens e também já estou muito escaldado por manobras esquerditas de «sapa» e ainda porque tenho acompanhado com particular interesse o trabalho inteligente que a Oposição do Distrito de Braga vem desenvolvendo desde há tempos, dei logo toda a importância à informação.

Dei-lha e fiz uma coisa que muitos talvez não fariam; meti-me no carro e fui falar com os procuradores (eleitores) que pude encontrar numa tarde. Quis saber «in loco».

E soube.

Querem saber o que soube?

Que o Chefe da Oposição deste Concelho acompanhado de elementos da sua confiança, percorreram todo o Concelho e, valendo-se ora de si próprios, ora de amigos que têm até na U.N., aqui suggestionando, além usando até de meios que me absteinho de qualificar, procuraram assegurar-se de que fôsse eleita uma lista presidida pelo único elemento que dentro do Concelho, nas actuais circunstâncias, lhes convinha—o antigo presidente—e composta pelo menos de mais um elemento que possibilitasse à Direcção as costumados «jeitos» e a costumada política favorável à esquerda.

Como procurador ao Grémio,

pelos Casas do Povo do Concelho, aproveitei a irregularidade com que o Conselho Geral tinha sido convocado para propôr o adiamento da assembleia, com o fim de que aquêles que são da Situação pudessem tomar conhecimento do que se passara e pudessem agir. E o adiamento fez-se.

* * *

Fez-se o adiamento e eu julguei que os responsáveis políticos do concelho, designadamente a U. N. agissem.

Não faltavam razões para isso.

Em primeiro lugar, por causa do próprio organismo.

Em perto de 20 anos não se fez nada, tendo-se a sua actividade limitado a arrecadar as cotas e demais receitas da casa e a gastá-las mal. Todos sabem que durante a presidência da mesma pessoa que agora se pretendia reconduzir foi até praticado pelos menos um desvio de mais de cem contos! Dizem até, à boca cheia, que foi o próprio presidente do Grémio, quem, auxiliado por uma entidade de gravíssimas responsabilidades no Distrito, trataram de «recompôr» a coisa...

Em segundo lugar, tinham-se usado, durante o trabalhinho de «sapa» que precedeu o acto eleitoral adiado, das mais inconfessáveis influências.

Até a de algumas pessoas que enriqueceram nos tempos da Intendência Concelhia...

Depois, o Grémio da Lavoura tem sido, na vida do Concelho, um reduto onde têm encontrado guarida, mormente nos corpos directivos, os mais destacados adversários políticos do Regime e do Corporativismo.

E havia que trabalhar para que deixasse de ser assim. Já lá estive o Chefe da Oposição do Concelho, já lá estive um elemento que já era contra a Situação *antes de a Situação surgir*, estão lá outros elementos adversários de menos cotação etc...

Por outro lado, a Oposição concelhia surgiu, de surpresa (embora uma surpresa preparada de há muito), a bater-se para tomar conta da Direcção nos próximos 3 anos e assim continuar a servir-se do Organismo para os seus fins. Não há dúvidas.

A nossa U.N. não as pode ter. Sabe bem que o Chefe da Oposição, foi pessoalmente pelas portas. Não mandou. Foi pessoalmente. Ele tinha-se zangado, em tempos, com o presidente proposto. Mas, agora, era preciso entenderem-se porque era preciso servir um desígnio mais elevado. E entenderam-se...

Por tudo isto, eu espera-

va que a nossa U.N. se mexesse.

* * *

Mas não se mexeram.

E, pior que isso, a política do Governo acaba de ser atraçoada por elementos cuja responsabilidade nos faz tremer.

Sim. Atraçoada até no Distrito por alguém que devia informar o Senhor Governador em vez de deformar as coisas perante aquele ilustre Magistrado. Bastava que o presidente proposto tivesse sido protegido na presidência da Câmara contra os brados de todo um Concelho, durante mais de uma dezena de anos. Bastava que o seu protector no Distrito tivesse conseguido deixar a coberto as graves irregularidades de dinheiro, no Grémio.

Mas não bastou. Agora veio-se atraçoar a política do Governo fazendo o jogo daqueles que tivemos de enfrentar nas últimas eleições e, afinal, desde sempre.

Em vez de se orientar a acção dos que no Concelho servem o Governo, resolveram dar a mão ao inimigo.

Eu tomo a responsabilidade integral pelo que afirmo.

Se o Senhor Ministro das Corporações e o Senhor Ministro do Interior quiserem mandar saber quem está no Grémio da Lavoura de Amares, quem lá tem estado, o que tem feito; se quiserem mandar saber quem foi que tomou o comando das operações eleitorais para o passado sábado; se quiserem saber que lugar têm nos quadros da Oposição Nacional, se quiserem saber quem foi que, no Concelho e no Distrito lhes deu a mão, eu posso prestar todas as informações concretas.

E ninguém me desmente.

Como dá força ter razão e não querer nada do Estado nem da Situação!...

E agora quero insistir numa explicação àqueles elementos da Oposição distrital que me conhecem e de quem pessoalmente sou amigo.

Eu estou na Situação porque a ideologia e a doutrina do Regime são as minhas.

Eu não sou dos que digo que estou na Situação porque estou com Salazar. Digo antes: estou com Salazar porque ele dá satisfação, o mais suficiente possível, às minhas ideias. Se o não desse, eu estava contra ele.

Com esta mesma independência eu digo que não pretendo que o Governo venha interferir pela força no Grémio da Lavoura de Amares. Não pretendo que se coarcte aos oposicionistas o direito de lutarem e concorrerem ao Grémio.

Em igualdade de circunstâncias eu e os que no con-

Quando falta o bom senso

Todos se lembram da cena tétrica que se passou e todos vieram a calar-se na certeza de que só se esperaria a primeira ocasião menos airosa para se resolver o caso.

Surgiu novo acto eleitoral e assistiu-se à aprovação das contas sem que um único procurador se manifestasse, pois que por mais que o presidente da Assembleia Geral perguntasse se aprovavam, ninguém teve a coragem de se manifestar.

Ao surgir novo acto eleitoral parecia ninguém ter a coragem de levantar-se, até porque o Conselho tinha agora o homem de que precisava.

Mas desta vez surgiram os compadres de sempre e outros a quem interessa este estado de coisas e lá foram conseguindo que o movimento que devia operar-se, se gorasse.

Verifica-se que o nosso Grémio da Lavoura sofre de doença «crónica» que a «democrática» eleição não pode curar.

Terá a oposição interesse em conservar num lugar corporativo tão saliente, um elemento que pela ineptidão mostrada, através de toda a sua gerência, tanto se tem distinguido?

É, com efeito, este entorpecimento dos organismos corporativos que mais desejam os antipatizantes do Regime; e o Senhor Presidente do Grémio serve admiravelmente os seus designios.

Esprema-se a sua «obra» de 18 anos no nosso Grémio e ver-se-á que sumo não há aqui para espremer.

Até, para que se desse uma solução aceitável na localização da futura sede do Organismo, foi necessário o Conselho Geral levantar-se em peso contra

o concelho estão com a Situação não temos medo de perder.

Mas há uma coisa que não podemos admitir e a que, em verdade, não podemos resistir nem vencer: é termos de lutar contra os adversários e contra os nossos; é termos de vencer elementos que atraçoam a causa quer no Concelho, quer no Distrito. Elementos até da U.N.

Os militantes da Oposição sabem que podem contar com a lealdade dos seus iguais e com o auxílio e orientação dos seus dirigentes.

Eu só reivindico igualdade de circunstâncias, para mim e para os meus.

A. J. Costa

a deliberação da compra de um edificio velhíssimo que pretendia adquirir não se sabe por que bulas.

Com ideias velhas e métodos envelhecidos a antorpecer tudo e todos, quer continuar, e certamente continuará por força eleitoral, porque se movem influências suspeitíssimas a seu favor, por sinal os mesmos que ainda há bem pouco tempo o combatiam; mas é assim mesmo que se faz *obstrução!*

Recorda-nos que a saída deste elemento tem sido ventilada em todas as sessões reunidas para o efeito, em que tem assumido compromisso de saída posterior, que nunca satisfez.

Não queremos influir na decisão do Conselho Geral do Grémio da Lavoura, que infelizmente não tem vontade própria neste expressivo caso da eleição dos seus corpos gerentes; pretendemos apenas apelar para o bom senso, de uns e de outros—dirigentes e dirigidos—para que deixem de comprometer-se a si próprios com a grave responsabilidade de querer manter tensão eleitoral onde haveria de haver sossego para melhor progredir.

É tempo de o Senhor Presidente da Direcção se convencer de que não pode ficar eternamente num lugar para que não tem vocação e que, por isso mesmo, muitos prejuízos materiais e morais irreparáveis causou já. Há muitos casos que lhe deviam pesar na consciência, mas que, por certo, nem sequer feriram a sua sensibilidade embotada de materialismo; mas tenha-se ao menos agora alguma consideração pelos destinos da Lavoura de Amares; entregue-se o lugar a outros que, aptos e prontos a trabalhar, pretendem dar o seu concurso em prol do bem comum.

Acaba-se com setas incongruências políticas; procure mesmo o Governo meio de renovação como está a proceder nas Câmaras Municipais, para que se não assista mais a espectáculos dolorosos como este que está a decorrer no Grémio da Lavoura de Amares.

É dramático ver um Conselho Geral peado por «compromissos de favor», a votar contra a sua própria consciencial

Bom senso... prudência... e tudo mais que seja necessário para acabar com estas «colações» que pedem o vergonhoso recurso às Comissões Administrativas.

EXACTUS

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA